

## **AS RELÍQUIAS DE SÃO FRANCISCO XAVIER NA ÁSIA (SÉC. XVI).**

**PEDRO HENRIQUE PEREIRA<sup>1</sup>**

**RESUMO:** A partir do século XVI frente à nova possibilidade de comercializar com os mercados da Ásia, através de uma rota até então desconhecida, fora determinada uma nova etapa no processo expansionista iniciado em 1415 com a conquista de territórios no norte da África. Inicia-se, então, a política do imperialismo marítimo português no Índico.

A religiosidade se tornou no contexto histórico da Europa, algo indissociável principalmente nas relações políticas, podendo-se muitas vezes confundir a própria Expansão Marítima Ibérica com a Expansão da Cristandade na América e Ásia. Desta maneira, o objetivo deste texto é analisar as relações entre os missionários ordenados pelo papa, a acompanhar os comerciantes portugueses em suas viagens, destacando especialmente o processo de evangelização de São Francisco Xavier sobre os povos orientais e o redimensionamento de sua morte, quando a população indiana de Goa exige que seu corpo seja mantido naquele local, determinando assim, o culto às relíquias de São Francisco Xavier e a exposição de seu corpo incorrupto até os dias hoje.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relíquias, Missões, Oriente.

### **Introdução**

A Expansão Marítima Ibérica em busca de riquezas do oriente conquistou além de territórios para Portugal, a possibilidade de levar a fé cristã para aquela região. Com o financiamento da coroa e de particulares, os portugueses partiram com destino à Ásia. O

---

<sup>1</sup> Graduando do 3º ano de História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)/Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH). E-mail: pedro\_henriquephp@hotmail.com

interesse por essas expedições já estava sendo alimentado no imaginário europeu séculos antes, devido aos livros que foram narrados por antigos viajantes, como Marco Polo.

O papado visando expandir os limites da igreja ordenou que muitos clérigos acompanhassem os portugueses em suas expedições, e a cada território descoberto, tinham a responsabilidade de evangelizar o povo. Desta maneira, o missionário jesuíta Francisco Xavier que mais tarde seria canonizado pela igreja, viajou com destino à Índia e atualmente tem sua imagem ligada ao avanço do cristianismo naquele continente. O santo nasceu no início do século XVI no antigo Reino de Navarra e é responsável pela evangelização de inúmeras pessoas na China, Índia e Japão, é também aclamado pela igreja por ser o missionário que mais converteu pessoas desde São Paulo.

Portanto, o texto está dividido em três partes: Os missionários e a Companhia de Jesus; Hagiografia e iconografia como legitimação da cristandade na Ásia; As relíquias de São Francisco Xavier.

## **1. Os missionários e a ordem jesuíta na Ásia**

Uma das principais justificativas para a legitimação do projeto expansionista de Portugal em 1415 foi a de espalhar a fé cristã nos novos locais conquistados, entretanto no século seguinte, com a instalação no território da Ásia, nota-se que o número de missionários enviados para lá, foram relativamente poucos, que por sua vez ocasionou em pouco progresso e isso durou aproximadamente quatro décadas, até a chegada dos jesuítas em Goa por volta de 1542<sup>2</sup>.

De acordo com Charles Boxer (1951), os primeiros missionários em sua grande maioria, não se preocupavam ou se esforçavam se quer a aprender os idiomas orientais, ou a entender os livros sagrados e as crenças religiosas desses povos. Parte deste clero pioneiro

---

<sup>2</sup> Boxer, Charles. O império marítimo português 1415-1825 / Charles Boxer: Tradução Ana Olga de Barros Barreto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

tendia a preocupar-se mais em acumular fortuna do que a evangelizar os pagãos, desta forma, quase que somente as mulheres asiáticas que viviam com os portugueses, escravos domésticos ou pobres eram convertidos ao cristianismo. Entretanto, houve pequenos casos como a conversão em massa dos pescadores de pérolas na Índia, onde alguns desses primeiros missionários conseguiram se destacar.

Uma das características dos primeiros missionários no Oriente<sup>3</sup>, é que não eram comum se distanciarem muito das fortalezas portuguesas devido à ameaça de ataques, principalmente em Goa onde nos primeiros anos de colonização, os portugueses quando não faziam comércio ou tentavam missionar nos arredores de suas praças, passavam meses encurralados em suas fortalezas muitas vezes sitiados<sup>4</sup>. Contudo, foi a Companhia de Jesus que promoveu o maior número de conversões nas colônias portuguesas, utilizando métodos mais sofisticados de persuasão e força, a ordem de Inácio de Loiola conseguiu elevar os números de recém-cristãos e também o desenvolvimento das missões portuguesas entre 1550 e 1750<sup>5</sup>.

Antes da chegada dos portugueses às rotas marítimas e comerciais da Ásia, eram os chineses e piratas japoneses que, sobretudo controlavam as rotas de Malaca, Molucas, Macau, China e Japão, que mais tarde se tornaram uma das maiores dificuldades do rei de controlar o comércio dessas regiões. Neste contexto, os missionários receberam a função de estreitar as relações comerciais com esses povos, como disse o missionário jesuíta Antônio Vieira em *História do Futuro* “Se não houvesse mercadores que fossem procurar os tesouros da terra no Oriente e nas Índias ocidentais, quem transportaria para lá os pregadores que levam os tesouros celestes? Os pregadores levam o Evangelho e os mercadores levam os pregadores”.

Desta maneira, está estabelecida uma relação entre os comerciantes e missionários, onde um depende do outro para o sucesso das missões e do comércio. As naus portuguesas

<sup>3</sup> Durante os séculos XV e XVI o termo Oriente não tinha a função aglutinadora que possui o substantivo atualmente. Termos muito comuns eram a “Índia” e “as Índias”, depois da descoberta da América, Índias Orientais, como forma de se referir às regiões banhadas pelo Oceano Índico. Ver. DORÉ, Andréa Carla. Relações entre Oriente e Ocidente (séculos XIII-XVII): mercadores, Missionários e homens de armas. *Revista Biblos*. Rio Grande: BRAPCI-UFPR, 2007. n.21. P. 106.

<sup>4</sup> Ver Doré, Andréa Sitiados. Os cercos às fortalezas portuguesas na Índia (1498-1622), São Paulo, Alameda, 2010, 320 pp.

<sup>5</sup> Idem, 81.

são responsáveis de transportar os clérigos, pois os mesmos agora da Companhia de Jesus aprenderam as línguas orientais e auxiliam os portugueses agindo como tradutores, aproximando as relações de comércio entre os ocidentais e os orientais, enquanto buscavam evangelizar estes povos.

As premissas do conquistador Alexandre o Grande no século IV, de viajantes europeus como Marco Polo e do muçulmano Ibn Battûta no século XIV e o comerciante Niccolo di Conti de Veneza no século XVI sobre os territórios da Ásia estiveram presente no imaginário europeu, criando interesses sobre o Oriente, entretanto esses mesmos rumores que foram por muitos anos tidos como exagero começaram a fazer sentido para os portugueses a partir do momento em que eles se distanciavam de Goa, penetrando cada vez mais no mar oriental<sup>6</sup>. Ao utilizar os missionários, a diligência portuguesa em conquistar novos mercados além da Índia obteve grande sucesso em estabelecer relações com outras sociedades e através dessas relações de troca, que os jesuítas articularam-se para evangelizar esses povos.

Os principais métodos de evangelização eram a persuasão e força, estes métodos foram eficazes na evangelização dos asiáticos que habitavam principalmente as regiões próximas da costa ocidental da Índia e do Ceilão. Uma das práticas utilizadas era também a destruição dos templos hindus de Goa, as autoridades portuguesas ordenavam que fossem instaladas igrejas católicas nos templos demolidos. Depois da destruição dos templos, os portugueses promulgaram leis cada vez mais severas que proibiam as práticas religiosas hindus, budistas e islamistas e para instigar a conversão dos habitantes, novas leis eram criadas para favorecer os já convertidos, enquanto os que permaneciam com suas religiões se tornavam cada vez mais esquecidos dentro da sociedade.

Novas práticas foram discutidas após os concílios eclesiásticos da contra reforma. Uma das considerações era que a conversão não devia ser feita à força, entretanto esta proibição foi anulada deliberadamente, e pelo decreto do vice-rei de 4 de dezembro de 1567, todos os templos pagãos existentes nos territórios ocupados pelos portugueses deveriam ser destruídos, inclusive o nome Maomé, não podia ser invocado de maneira alguma. Segundo

---

<sup>6</sup> BOXER, Charles Ralph. *The Christian Century in Japan (1549-1650)*. Califórnia: University of California Press, 1951.

Charles Boxer (1951), os hindus e budistas que viviam nos territórios portugueses estavam proibidos de visitar os templos nos territórios vizinhos e até mesmo todos os sacerdotes, e homens santos não cristãos deviam ser expulsos e que todos os livros sagrados pagãos como o Corão deveriam ser destruídos.

De acordo com o padre Alexandre Valignano<sup>7</sup> com a chegada de Francisco Xavier em Goa em 1442 não podia ser diferente, o mesmo adotou essas práticas durante suas conversões.

O padre Alexandre Valignano [...] escrevendo sobre São Francisco Xavier declarou que ele compreendeu com sua espiritualidade e prudência quão incapaz e primitiva é a natureza deste povo nas coisas de Deus, e percebeu que a argumentação não lhes causava a, mesma impressão que a força. Considerava, portanto, que seria muito difícil formar qualquer comunidade cristã entre os negros, e ainda muito mais difícil conservá-la, a menos que fosse governada pelos portugueses, ou ficasse numa região até onde seu poder pudesse se estender, como acontecia na costa marítima, onde as frotas de Sua Alteza podiam navegar para cima e para baixo, distribuindo favores e castigos conforme o que o povo do lugar merecesse. (BOXER, 2002, p.91),

São Francisco Xavier utilizava um método severo,, alertando o que poderia acontecer com o povo se os capitães portugueses os privassem da pesca por não serem cristãos. Para Eduardo Said, estudioso do Orientalismo<sup>8</sup>, podemos analisar através de seu discurso como o ocidente se sobrepõe às culturas asiáticas, com uma visão eurocêntrica de superioridade e razão e neste contexto como a igreja católica utilizará a força e influência conquistada neste continente para impor sua fé sobre estes povos.

## **2. Hagiografia e iconografia como legitimação da cristandade na Ásia**

A hagiografia é indissociável do contexto religioso e sócio-cultural do santo biografado<sup>9</sup>, e tem suas origens nos elogios fúnebres. Transformando o homem em herói, o gênero hagiográfico permitia demonstrar que mesmo homens e mulheres poderiam assumir os

---

<sup>7</sup> O grande reorganizador das missões jesuíticas na Ásia durante o último quartel do século XVI

<sup>8</sup> Termo utilizado para descrever a abordagem ocidental sobre a oriental

<sup>9</sup> REBELO. Antônio Manuel Ribeiro. A estratégia política através da hagiografia. In JIMENEZ et FIALHO, Maria do Céu. O Retrato e a Biografia como Estratégia de Teorização Política. Coimbra/Málaga, Uf: 2004. p 131-158, p. p 132

ideais de Cristo se tornando santos. Entre as diversas finalidades atribuídas ao gênero hagiográfico, uma delas era efetivamente a didática, fornecendo ao leitor um modelo a ser seguido e um exemplo de vida a ser imitado. A edificação do santo torna a hagiografia uma estratégia política para reforçar ideais da igreja e no caso desta pesquisa, a legitimação da evangelização na Ásia.

Para reforçar as pretensões políticas e o prestígio de uma comunidade civil e religiosa era necessária a presença das relíquias de São Francisco Xavier e a localização de seu túmulo<sup>10</sup>, pois o principal local de culto a um santo era seu túmulo, portanto a criação da hagiografia do Santo foi tão importante e estratégica para a construção de sua iconografia e legitimação de sua santidade.

Desta maneira, o estudo da iconografia e a hagiografia do missionário jesuíta e a busca da Igreja Católica de se fixar na Ásia assumirá o papel de estudo e reflexão político-religiosa existentes no medievo, e sua função sobre os cristãos. A coleção das representações biográficas que constituem a hagiografia de São Francisco Xavier, já iniciada em 1552 com a busca de seu corpo, acompanha as principais decisões geradas pelo concílio contra reformista de Trento<sup>11</sup>, incentivando o culto aos santos e suas relíquias. Neste mesmo período é notável o interesse da Companhia de Jesus em legitimar sua conquista espiritual e religiosa no Oriente, encontrando em São Francisco Xavier o seu principal patrono, o Apóstolo do Oriente.

Sendo promovido como verdadeiro “exemplo” a ser seguido, a hagiografia de Xavier, tornou-se um poderoso instrumento na consolidação da identidade cristã nos territórios católicos, neste caso a Ásia, e dessa forma, criou uma consciência quase que “nacionalista” com a ideia de uma santidade naquele local, garantindo também para o reino de Portugal uma ferramenta de obediência.

Em 1583 o poderoso visitador italiano Alessandro Valignano SJ, provavelmente a pedido de Roma, encarregou um artista anônimo de pintar dois quadros de Francisco Xavier em Goa. Esta encomenda marcou o início da iconografia de S. Francisco Xavier, o Apóstolo do Oriente. A razão de tal encomenda ter sido realizada em Goa

<sup>10</sup> REBELO, António Manuel Ribeiro, "A estratégia política através da hagiografia" in A. Pérez Jiménez, J. R. Ferreira, M. C. Fialho (coord.), O retrato e a biografia como estratégia de teorização política, 2004. P. 131-158

<sup>11</sup> O concílio de Trento foi realizado entre os anos de 1545 e 1563, foi o concílio ecumênico que mais emitiu decretos dogmáticos e reformas, se contrapondo à reforma protestante que crescia na Europa.



deve-se porventura ao facto, de após as vicissitudes várias, o corpo de Francisco Xavier repousar na igreja jesuíta do Bom Jesus de Goa, principal igreja da Companhia em todo o Oriente, desde 1554. Infelizmente, os dois quadros permanecem desaparecidos. (OSSWALD, Maria Cristina. 2006, p. 120).

Embora as duas primeiras obras de São Francisco Xavier tenham desaparecido, uma delas serviu como modelo para sua *Vera Effigies*, pelo artista Theodor Galle que ilustra a primeira biografia do santo, escrita pelo Padre jesuíta Horácio Torsellino, publicado em 1596<sup>12</sup>.



Fig. 2: Theodor Galle, *Vera Effigies* de S. Francisco Xavier, C. 1596, ARSI

<sup>12</sup> Horácio Torsellino nasceu em Roma em 1544. Entrou para a Companhia de Jesus em 1562. Morreu a 6 de Abril de 1599.

Esta *Vera Effigies* de São Francisco Xavier apresenta o santo com os olhos direcionados para o céu, proferindo seu lema “Satis est Domine, Satis est”<sup>13</sup>. Próprio da época da contra reforma há uma relação entre o *imago* de Xavier e o caráter didático da hagiografia em expressar o santo em momentos de profunda oração. Através da construção de seus hagiógrafos, São Francisco Xavier foi muitas vezes representado orando, onde pedia forças para as tormentas que ansiava. Desta forma, a hagiografia do santo é destacada por momentos de oração como a fuga das perseguições de demônios, que impedem sua missão de evangelizar<sup>14</sup>.

Embora a primeira biografia impressa sobre S. Francisco Xavier tenha surgido em 1596 e se tornado a oficial, já existia em 1579 um manuscrito, escrito pelo Padre Manuel Teixeira<sup>15</sup> sob o título *Vida del bienaventurado Padre Francisco Javier, Religioso de la Compañía de Jesus*, entretanto, por abdicação do superior geral Acquaviva, o manuscrito não foi impresso na época, dando lugar à obra de Torsellino como a principal hagiografia até então.

Outro jesuíta que também recebeu a encomenda de escrever a biografia de Francisco Xavier foi o Padre João de Lucena<sup>16</sup>, sob o título *História da Vida do Padre Francisco Xavier e do que Fizerão na Índia os mais Religiosos da Companhia de Jesus* que ficou pronta por volta de 1600. Nesta obra, Lucena altera o dia de nascimento de Xavier propositalmente, com a intenção de coincidir com a viagem da armada de Vasco da Gama para Índia, associando o missionário à expansão marítima.

Mandado per elRei dom Manoel de gloriosa memoria, dom Vasco da Gama [...] partio da praya de Restello, em Lixboa ao descobrimento da India, mares, & terras do Oriente, na entrada de Iulho, do anno de mil, & quatro centos, & nouenta, & sete. E no mesmo anno em ponto, como diziamos ao princípio d’esta historia, naceo em Nauarra o Padre Francisco Xauier. Porque se entendesse como o tinha Deos predestinado pera levar o Euangelho, & semear a fé naquellas vastissimas regiões, depois de aberto o caminho, & feito o campo per meyo das armas, & comercio dos

<sup>13</sup> Este trecho em latim é uma das frases ditas por São Francisco Xavier durante as provações ou período de sofrimento e dificuldade, traduzindo para o português: É o suficiente, senhor, é suficiente.

<sup>14</sup> Lucena, João de, *História da Vida do Padre Francisco Xavier*, Lisboa, 1989, vol. I, 199

<sup>15</sup> TEIXEIRA, Manuel, *Vida del Bieaventurado Padre Francisco Xavier Religioso de la Compañía de Jesús*, (ed. Ramón Gaviña SJ), Bilbao, Editorial «El Siglo de las Misiones», 1952, 177.

<sup>16</sup> Natural de Bragança nasceu em 1536. Em 1551 entrou para a Companhia de Jesus, sendo ordenado na Índia em 1560, onde, entre 1569 e 1572, foi reitor do colégio de Cochim e, entre 1573 e 1574, Vice-Provincial. Morreu em Goa a 19 de Março de 1590.



Portugueses: & que por isso entam o criaua, quando juntamente mouia o coraçam d’el Rei de Portugal<sup>17</sup> (LUCENA,1952, p. 26-27)

Entretanto, esta obra não apresenta conteúdo inédito, deixando a cargo da obra de Torselinno como a primeira biografia do Santo. Desta maneira, podemos concluir que devido às circunstâncias da época e à ameaça protestante, a hagiografia de Xavier foi veemente incentivada, principalmente pelos interesses de relações comerciais que ainda iriam acontecer entre o ocidente e oriente.

Os milagres de São Francisco Xavier constituem grande parte da sua hagiografia, sendo apresentado como “O milagre dos milagres”, há relatos de vários milagres *in vitae*, inclusive de ter ressuscitado um rapaz em Combuturê em 1543. Este milagre foi negado por Xavier, mas não foi o bastante para impedir de se popularizar e inclusive estar presente na bula de beatificação em 1622.

Um relicário na Igreja de S. Miguel, Munique, celebra as suas ressurreições com a seguinte inscrição: “chamou à vida vinte e cinco mortos, e baptizou cento e vinte mil pessoas”. De facto, em 12 de Março de 1622, o Papa Gregório XV procedeu à canonização de Francisco Xavier com base na santidade da sua vida, na sinceridade da sua fé e no número e grandeza dos seus milagres. Todavia, a fama de taumaturgo de Francisco Xavier deveu-se tanto aos milagres que lhes foram atribuídos *in vitae* como *post mortem*.<sup>18</sup>  
(OSSWALD Maria Cristina, 2008, p .4).

Já no século XX, houve a catalogação de todos os manuscritos, cartas e hagiografias escritas sobre São Francisco Xavier pelo padre George Schurhammer<sup>19</sup>, que se tornou o maior especialista da vida do santo. Schurhammer nasceu na Alemanha em 1883, e aos vinte e um anos ingressou na Companhia de Jesus. Após fazer uma viagem a Goa, para a celebração dos 400º aniversário da morte de São Francisco Xavier, o padre começou a se dedicar na

<sup>17</sup> LUCENA, João de, História da Vida do Padre Francisco Xavier e do que Fizerão na Índia os mais Religiosos da Companhia de Jesu. Reprodução fac-similada com prefácio de Álvaro J. da Costa Pimpão, vol. I. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1952, pp. 26-27.

<sup>18</sup> Trecho retirado do artigo de Maria Cristina Osswald sob o título “São Francisco Xavier estratégias de constituição dum culto entre os séculos XVI e XVIII” Publicado em 2008 pela Revista Lusófona de ciências das religiões.

<sup>19</sup> SCHURHAMMER, Georg: Francisco Javier, su vida y su tiempo, Mensajero, Bilbao, 1992 (4 vols).

construção da biografia do santo, mencionando todas as obras produzidas até então, se tornando a fonte mais atual sobre a vida Xavier.

### **3. As relíquias de São Francisco Xavier.**

Após a morte de São Francisco Xavier em Sanchoão na China, em três de dezembro de 1552, seu corpo que havia sido sepultado naquele local é mais tarde translado incorrupto para Malaca onde é de novo sepultado na igreja de Nossa Senhora do Monte, (hoje de S. Paulo). No dia quinze de agosto é novamente desenterrado incorrupto e depositado em um caixão, sendo transportado para Goa. Devido à contra tempos de viagem, seu corpo apenas chega à cidade em março de 1554. Ele foi recebido triunfalmente sendo conservado neste local ainda incorrupto na Basílica do Bom Jesus.

Sabemos que o culto às santas relíquias está presente no cotidiano europeu desde a propagação do cristianismo no medievo.

Elas cumprem a função de traduzir o invisível no visível. As relíquias são realidades materiais que têm por objetivo aproximar o homem do sagrado, cumprindo um papel cultural e espiritual, sendo fundamentais para o entendimento das práticas, dos rituais e das crenças cristãs.  
(NASCIMENTO, 2014, p. 106)

Desta maneira, podemos analisar a presença do corpo do santo em Goa com o intuito de criar um mártir naquele continente asiático tornando-se objeto de veneração para os orientais, dessa forma tentando criar um hibridismo<sup>20</sup> entre as culturas, solidificando ainda mais os laços comerciais entre a Ásia e a Europa.

Através da leitura das cartas de São Francisco Xavier, é notável a admiração pelos japoneses: “Os japoneses são gente de muito boa conversão. Não são maliciosas, são pessoas

---

<sup>20</sup> De acordo com a concepção do historiador Serge Gruzinski, o híbrido pode ser considerado o indivíduo ou elementos utilizados como intermediários entre duas realidades opostas. Estes elementos são capazes de transitar livremente entre duas civilizações opostas. Cfr. GRUZINSKI, Serge. O Pensamento Mestiço. São Paulo: Companhia das Letras 2001. 46-49p.

de honra e a estimam mais do que qualquer outra coisa”. (XAVIER, Francisco. Cagoxima, 05/11/1549). Entretanto já em relação aos goeses são notadas algumas críticas a empecilhos causados pelos Brâmanes<sup>21</sup> que eram responsáveis pelos templos hindus que tentavam de qualquer forma dificultar o processo de evangelização dos indianos.

(...) É gente que nunca diz a verdade. Está sempre a pensar como há-de subtilmente mentir e enganar os pobres simples e ignorantes, dizendo que os ídolos pedem que lhes levem, para oferecer, certas coisas; mas estas não são outras senão as que os brâmanes fingem e querem para manter as suas mulheres, filhos e casas. Fazem crer à gente simples que os ídolos comem; e há muitas pessoas que, mesmo que não almoçam nem jantem, oferecem certa moeda para o ídolo (...). (XAVIER, Doc.20:1554)

A preocupação com o sucesso da evangelização foi tanta que este enviou em 16 de maio de 1546 uma carta a D. João III pedindo auxílio, pois necessitava de mais missionários e propunha também a inquisição na Índia, não com a intenção de forçar os judeus e mouros a serem convertidos, mas para impedir que os brâmanes e os próprios portugueses<sup>22</sup> atrapalhassem o processo de cristianização dos infiéis. Tendo em vista a dificuldade no processo de evangelizar os novos cristãos e até mesmo sob risco de vida, São Francisco Xavier deixa Goa com destino a outras cidades, sempre com sentido missionário. Sabe-se que o missionário fora impedido de prosseguir com a evangelização em Goa.

A relação e a popularidade de São Francisco Xavier não cresceram enquanto este ainda estava vivo, mas sim após sua morte. Portanto, conhecendo sobre as condições incorruptas de seu corpo, é permitida uma análise através do olhar do mestiço e dos recém-convertidos, que em vários momentos se consideravam portugueses<sup>23</sup> e ansiavam pela permanência do corpo em Goa, como uma forma de legitimação ou identidade, desta maneira os goeses sentiram-se privilegiados e honrados por terem a custódia desta relíquia.

<sup>21</sup> **Brâmane** é um membro da casta sacerdotal hindu. A palavra não deve ser confundida com o deus Brahma ou Brahma, embora o termo **brâmane** signifique literalmente "aquele que realizou / tenta realizar Brahma - a divindade".

<sup>22</sup> Noutra carta (Xavier-doc. 50,8) pede-a também para proteger os cristãos recém-convertidos dos abusos de maus portugueses.

<sup>23</sup> As mulheres dos casados, naturais da terra, e os filhos e filhas mestiços, contentam-se com dizer que são portugueses de geração e não da lei. (XAVIER, Doc. 57,1).

São Francisco Xavier foi beatificado em vinte cinco de outubro de 1619 pelo Papa Paulo V e somente será canonizado em doze de março de 1622 juntamente com seu amigo Santo Inácio de Loyola, com quem foi co-fundador da Companhia de Jesus. Entretanto, já em 1614 havia dando início às mutilações. O Padre Claudio Acquaviva<sup>24</sup> decidiu que fosse enviado a ele o antebraço direito do santo, que mais tarde se tornou uma das relíquias em Roma, simbolizando a mão que converteu milhares de infiéis no oriente. Em 1619 a parte do braço que remanesceu foi decepada em três partes e enviados a Malaca, Cochim e Macau, e finalmente em 1620 os órgãos internos foram retirados e distribuídos por diversos lugares do mundo, inclusive no Japão.

Após a morte do santo, foi dado início a várias representações de sua vida, como pinturas, estátuas e a criação da Capela Mortuária de S. Francisco Xavier na Basílica do Bom Jesus em Goa. Deste modo, a cidade recebeu muitas contribuições para a criação do culto e iconografia do santo.



Fig. 1: Capela Mortuária de S. Francisco Xavier, Goa, Basílica do Bom Jesus.

<sup>24</sup> Claudio Acquaviva, foi um padre jesuíta italiano, quinto superior geral no período de 1581 a 1615.

A igreja do Bom Jesus, local onde se conserva o corpo de São Francisco Xavier, encontra-se duas das principais narrativas da vida do santo. Seu túmulo possui trinta e dois relevos em prata, realizado por artistas indianos entre os anos de 1636 e 1637, e também vinte e sete pinturas decorando a basílica.

Em especial, a decoração do túmulo em prata é um dos mais completos testemunhos das preocupações da hagiografia e da iconografia no séc. XVII. Isto é, esta notável obra de ourivesaria baseia-se nos relatos hagiográficos mais antigos e decisivos para a iconografia de Xavier (Teixeira, Lucena, Torsellino), reproduzindo ainda algumas das gravuras abertas pelo francês Valerius Regnartius em 1622 para divulgar a decoração do *il Gesù* durante as cerimônias de canonização. (OSSWALD, Maria Cristina. 2006: 120).

Os ciclos narrativos do túmulo de prata e as pinturas dentro da basílica são as principais obras da hagiografia e iconografia de S. Francisco Xavier no oriente, todas as representações e posteriormente as biografias do santo assumiriam o papel de legitimar o cristianismo naquele continente, a ordem jesuíta e a fortalecer a relação entre os orientais e europeus através da imagem do Patrono das Missões.

## **Bibliografia**

BOXER, Charles Ralph. *The Christian Century in Japan (1549-1650)*. Califórnia: University of California Press, 1951.

BOXER, Charles. *O império marítimo português 1415-1825 / Charles Boxer: Tradução Ana Olga de Barros Barreto*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COSTA, João Paulo Oliveira e; RODRIGUES, José Damião; OLIVEIRA, Pedro Aires. *A Esfera dos Livros*, 2014.. 684p.

DORÉ, Andréa Sitiados. *Os cercos às fortalezas portuguesas na Índia (1498-1622)*, São Paulo, Alameda, 2010, 320 pp.

DORÉ, Andréa Carla. *Relações entre Oriente e Ocidente (séculos XIII-XVII): mercadores, Missionários e homens de armas. Revista Biblos*. Rio Grande: BRAPCI-UFPR, 2007. n.21.

GRUZINSKI, Serge. O Pensamento Mestiço. São Paulo: Companhia das Letras 2001. 46-49p.

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. Comerciantes Portugueses e missionários no Japão. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 5, Set. 2009 - ISSN 1983-2850

LEÃO, Jorge Henrique Cardoso. A arte de evangelizar: jesuítas, dojokus e mediações culturais no Japão (1549-1587) / Jorge Henrique Cardoso Leão. – 2010.128p

LUCENA, João de: História da vida do P. Francisco de Xavier..., Lisboa, 1600. Vida do Padre Francisco Xavier – Nova edição actualizada na grafia e pontuação e anotada, União Gráfica, Lisboa, 1959/1960 (2 vols).

NASCIMENTO, Renata Cristina. O combate em nome da fé nos relatos hagiográficos. Revista crítica história Ano IV, nº 7, julho/2013 ISSN 2177-9961

NASCIMENTO, R. C. S. A expansão das fronteiras da Cristandade no século XV: sacralidade e legitimidade do projeto político da casa de Avis. In: Fernandes, Fátima Regina. (Org). Identidades e fronteiras no medievo ibérico. 1ed.Curitiba: Juruá, 2013,v. 1,p. 177-191.

REBELO, António Manuel Ribeiro, "A estratégia política através da hagiografia" in A. Pérez Jiménez, J. R. Ferreira, M. C. Fialho (coord.), O retrato e a biografia como estratégia de teorização política, 2004. P. 131-158

SCHURHAMMER, Georg: Francisco Javier, su vida y su tiempo, Mensajero, Bilbao, 1992 (4 vols).

TEIXEIRA, Manuel, *Vida del Bieaventurado Padre Francisco Xavier Religioso de la Compañia de Jesús*, (ed. Ramón Gaviña SJ), Bilbao, Editorial «El Siglo de las Misiones», 1952, 177.